

UM RIO EM 68



Col. JLWS

Wernock 1989

COLEÇÃO JOSÉ LUIZ
WERNOCK DA SILVA

PREFEITO DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO
Roberto Saturnino Braga

SECRETÁRIO MUNICIPAL DE CULTURA
Miguel Angelo Oronoz Proença

DIRETOR DO DEPARTAMENTO GERAL DE
DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO
CULTURAL
Epitácio José Brunet Paes

UM RIO EM 68

COORDENADOR JOSÉ LUIZ
WEINSTEIN DA SILVA

N.º de Registro: 14846
Data: 7/6/1995

SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA

CONSELHO EDITORIAL

Epitácio José Brunet Paes — Presidente
Luzia Regina Gomes dos Santos Alves
Carlos Henrique Santos de Almeida
Paulo Cezar Pereira Nazareth
Martha Maria Mauricio Viana
Moacyr Felix
Helena Theodoro Lopes

Ficha Catalográfica elaborada pela Divisão
de Documentação e Biblioteca do C/DGDI

R585 Um Rio em 68 / Secretaria Municipal de
Cultura do Rio de Janeiro. — Rio de Ja-
neiro: Secretaria Municipal de Cultura,
Departamento Geral de Documentação e
Informação Cultural, 1988.

120p. —: il., fot. — (Biblioteca Carioca, v.9
Ser. Documentos).

1. Brasil — História — 1988. 2. Brasil —
Política e governo — 1968 — Depoimento.
I. Título. II. Série.

CDD 981.063
CDU 981"1968"



BIBLIOTECA CARIOCA

DEPARTAMENTO GERAL DE DOCUMENTAÇÃO
E INFORMAÇÃO CULTURAL

UM RIO EM 68

1988



PREFEITURA DA CIDADE DO RIO
DE JANEIRO

Secretaria Municipal de Cultura
Departamento Geral de Documentação
e Informação Cultural

Direitos desta edição reservados ao Departamento
Geral de Documentação e Informação Cultural da
Secretaria Municipal de Cultura.

Proibida a reprodução, total ou parcial, e por
qualquer meio, sem expressa autorização.

Impresso no Brasil – *Printed in Brazil*

ISBN – 85-85096 - 10 - 1

Edição e revisão de textos:

Serviço de Editoração do C/DGDI:

Ana Lucia Machado de Oliveira

Celia Cotrim Almeida

Diva Maria Dias Graciosa

Luzia Regina Gomes dos Santos Alves

Rosá Maria de Carvalho Gens

Rosemary de Siqueira Ramos

Fotos:

Acervo do Arquivo Geral da Cidade do Rio de
Janeiro

Secretaria Municipal de Cultura
Departamento Geral de Documentação e
Informação Cultural
Rua Afonso Cavalcanti, 455 – 2º andar
– Rio de Janeiro

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
A MORTE	11
ÀS RUAS...	21
OS ENCONTROS	99
OS MUROS	107



APRESENTAÇÃO

Poucas metáforas podem ser tão próximas da história quanto a imagem de um rio. O movimento acidentado, ora acelerado, ora lento e constante. Águas profundas e rasas em velocidades diferentes. Navegável às vezes.

Habitantes estranhos, emergências, submersões. Barcos grandes e pequenos. Naufrágios e sonhos. Portos, vilas, cidades inteiras às suas margens. Quem existe no tempo, ele ou as cidades? É possível que o rio, levando as margens da realidade e levando as imagens criadas nos olhos de quem nele tenha estado só por um momento, se constitua como memória. A memória da água.

A história é um rio. A Cidade do Rio de Janeiro tem muitas histórias. Uma cidade de muitos rios. Permitir que estas histórias sejam conhecidas nas obras de ficção, nos documentos, nos ensaios acadêmicos será sempre uma vasta coleção para um editor tornar público, transformar em livros,

numa biblioteca. A redescoberta das cidades — única dimensão da vida social que é concreta e distante dos conceitos abstratos (quão abstratos, por aqui!) como nação, por exemplo, — permite rever o drama da Pólis. Tem sido assim em toda parte, nos últimos anos. Mas, ela segue cortada pelos rios. Ela segue, muda seus contornos, novos solos se superpõem, permitindo, indicando e obrigando, nestas épocas, a uma arqueologia dos sonhos todas as vezes que cruzamos aquela determinada avenida. Por isso este livro sobre 1968.

Mais do que cenário, coadjuvante mesmo, a Cidade do Rio de Janeiro foi naquele ano, exclusivamente, toda uma avenida. Projetou sobre o país sua rebeldia e chamou outras cidades para darem sua versão dos anos sessenta.

Que década!

Este livro, que faz parte da Biblioteca Carioca — uma pequena coleção de títulos ficcionais, historiográficos e documentais que editamos desde 1986 — lançado agora, vinte anos depois, é um registro inevitável.

Sua intenção não é outra senão permitir que as fotos, acompanhadas de depoimentos de quem viveu aquele momento, falem de uma cidade que já não é. De homens e mulheres que já não estão por aqui, ainda que dentro de nós. De homens e mulheres que já não são. Uma cidade é isso.

Estas fotos, integrando agora o acervo do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, foram doadas. No início deste ano, as recebemos como doação de pessoas que querem permanecer anônimas, o que resulta em não sabermos a autoria das fotos. Vinte anos depois, guardadas e escondidas durante todo esse tempo, chegam ao devido lugar onde ficam os documentos da cidade.

Ficarão para outras gerações ao lado dos mapas antigos, correspondências oficiais e soberanas, atas da República, cartas de alforria e recibos de compra e venda de

escravos.

Um livro sobre 1968 — quantos de nós já não os escrevemos silenciosamente. Agora mesmo, dois ou três estão nas livrarias. É como se pudéssemos ter “cem mil” diferentes títulos e em cada relato um romance no limite do espírito que num dia se contentou em ser comum, em gritar em unísono para depois encontrar cada um seu próprio caminho. É como se pudéssemos, como quis um filósofo alemão do século XIX, ser “trabalhador de manhã, poeta à tarde e amante à noite”. E sendo escritor à tarde (a ordem pouco importa) pudesse dizer o que sentiu. Cada um no ritmo de suas passadas. Por isso os depoimentos. Uma tentativa de traduzir o momento ao mesmo tempo que o sabemos impossível. Da mesma forma, optamos pela diacronia, coisa comum às idéias e aos sentimentos na sua ordem desordenada. Talvez, ao termos nos afastado da seqüência lógica, de uma temporalidade persistente, tenhamos ferido a didática. Mas, fomos tantas vezes feridos que dessa vez somente nos preocupava achar alguma linha que conduzisse à compreensão

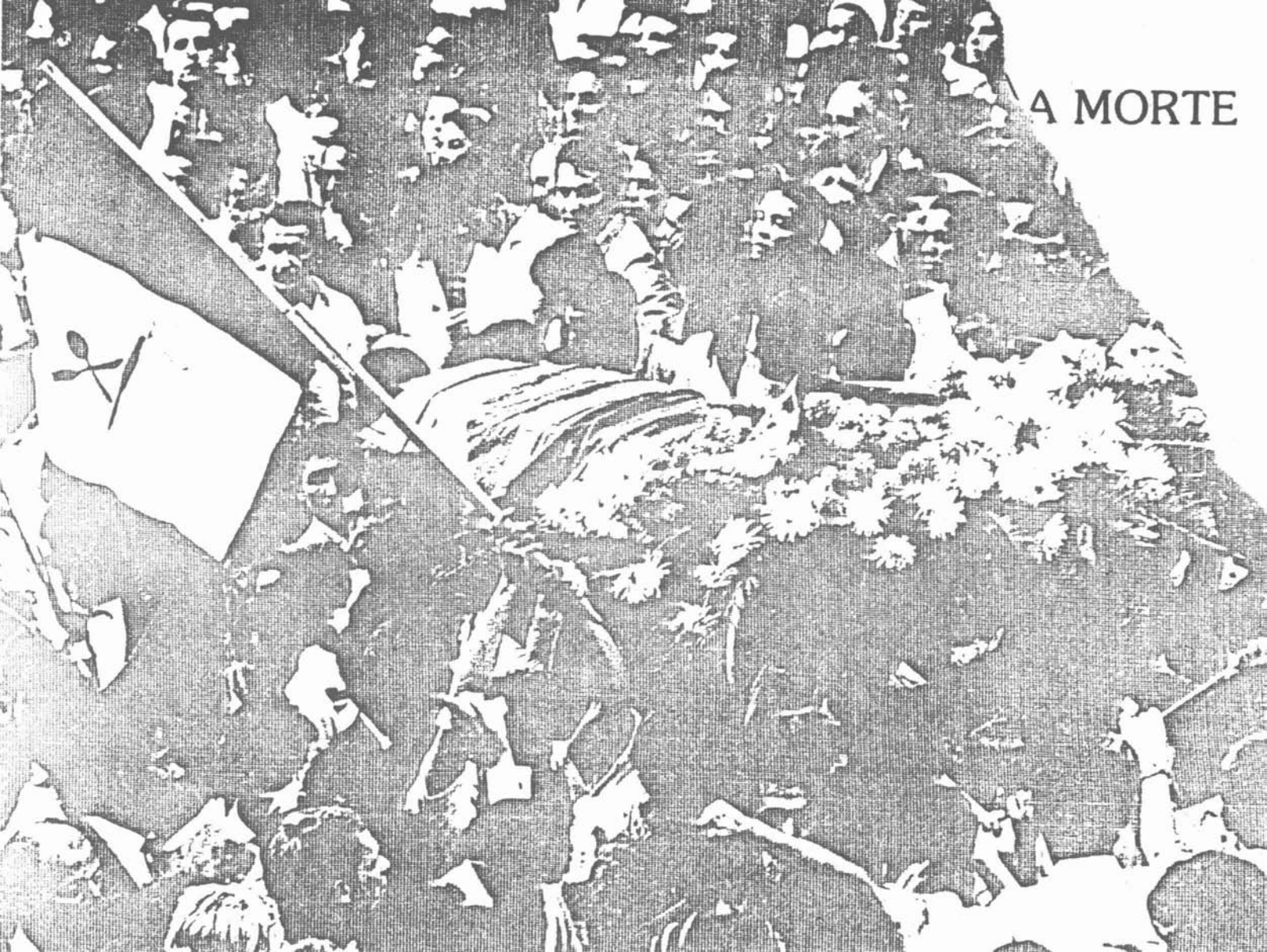
imediate de cada cena, de cada ato. É como um filme, montado numa ordem que preveja seu final negando-o durante todo o tempo. Quisera evitar o desfecho.

Parar o tempo na última foto. Mas, numa localização geográfica única (uma imagem de Guimarães Rosa), é como se já estivéssemos à terceira margem do rio.

EPITÁCIO BRUNET
Editor

Setembro de 1988

A MORTE



Restaurante Central dos Estudantes. Calabouço. 28 de março, 18 horas. Era uma passeata pacífica pelo direito de comer e estudar, a lutar pela liberdade contra a opressão.

Quatro caminhões de choque já chegam atirando. Não tivemos tempo para pensar, refletir, chorar.

Edson Luís está morto. Um escriturário que grita por socorro da janela de um edifício próximo ao Calabouço é alvejado na testa por uma bala mortal. Há vários estudantes feridos.

A polícia tenta desaparecer com o corpo de Edson Luís, conduzido por seus companheiros até a Santa Casa. A luta se acirra e abrimos o cerco policial até a Assembléia Legislativa, carregando o corpo do nosso companheiro. A embaixada americana é apedrejada. Vidros são quebrados.

O corpo de Edson Luís era nosso, exposto no saguão da Assembléia Legislativa. Dezenas de grupos de estudantes entram em ônibus, cinemas, teatros, escolas e universidades, denunciando o assassinato e convidando a população para o velório.

21 horas. Mais de 30 mil pessoas estão concentradas na Cinelândia. Foi uma terrível noite de escuridão. No rosto das pessoas, o ódio, a revolta, uma esperança. Assim, o Rio de Janeiro despertou de um imenso pesadelo e mais de 70 mil pessoas carregaram o corpo de Edson Luís até o São João Batista: "um estudante foi assassinado, poderia ser seu filho".



ELINOR BRITO
1968 Presidente da Frente Unida
dos Estudantes do Calabouço
(FUEC)
1988 Sociólogo e professor



NO RREV PORQUE
QUERIA
COMER ESTUDAR



FOR FI
OS
ASSASSINOS



1968 foi ano da virada pra pior. O regime militar, com três anos de vida, desgastara-se aos olhos da classe média que apoiara o golpe. A morte do estudante Edson Luís, em março, possibilitou a mobilização da opinião pública contra a ditadura (passeata dos cem mil), mas ao mesmo tempo fortaleceu a extrema direita militar que, em dezembro, impôs a edição do AI-5 e efetuou centenas de prisões. O regime tornou-se mais duro e, calando a voz dos que exigiam liberdade, abriu caminho para a luta armada e suas desastrosas conseqüências. Fui preso no dia 13 de dezembro e levado para a Vila Militar. Na cela em que estava com mais doze prisioneiros, os militares jogaram certa tarde uma bomba de gás lacrimogênio. Era o sinal do que ia acontecer nos quartéis daí pra frente.

FERREIRA GULLAR
Escritor



LA INFLACION

REPTA... (partially obscured)

LA ANCIANO
DE POLIA SER

FORA MILITARES

POVO
ESTA
LUTA

DINHEIRO

TADURA

CO SOCS
IG E
STIS

LUTA

SANGUE









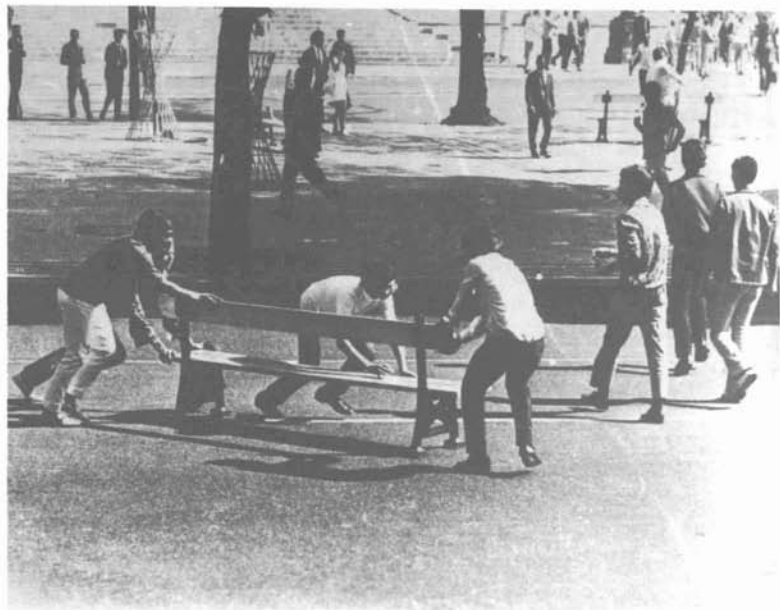
AS RUAS

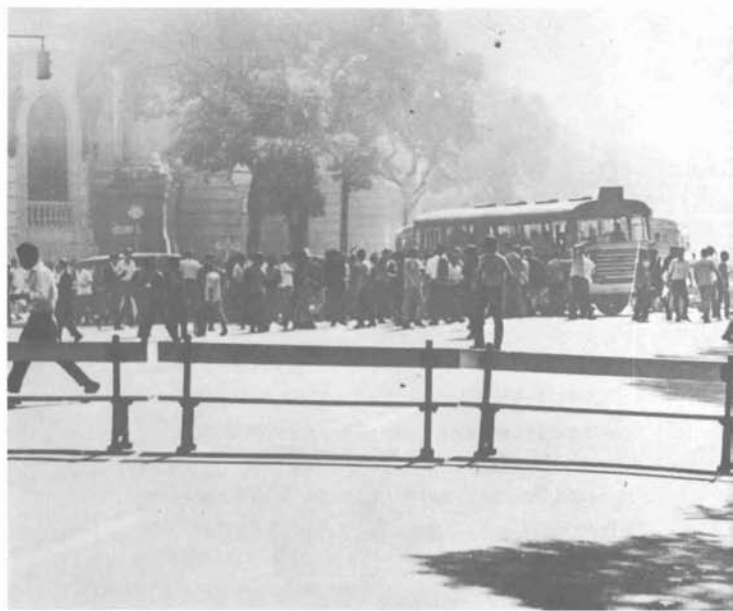


. . . “o singular ano de 68. . .” e o foi, de fato. Talvez por isto mesmo, imensamente sofrido e repleto de perplexidade. Ano das diversas “revoluções” de costumes, início de muita liberação, início e fim (?) de muito susto. Jornalista de várias trincheiras, pois na época eu fazia rádio, jornal, revista e televisão, todos diariamente, sofri na carne e nas teclas da máquina, o surdo rumor da censura de cada palavra, e o mais doloroso: de cada pensamento. Mataram um estudante-menino no Calabouço, estouraram bombas de terror, espancaram e encerraram a carreira de *Roda Viva*, de Chico Buarque. Prenderam e expulsaram Gil e Caetano. Passeata dos 100 mil nas ruas do Rio. O famigerado AI-5. Não há como evocar 1968 sob outro ângulo que não o da repressão e da Raiva. Foi o ano em que se plantou a semente da violência, da corrupção, do favoritismo, dos torturadores (ainda impunes). Singular ano da “suprema vitória” das gloriosas forças criadas justamente para garantir a paz e a serenidade do povo. Quem diria! . . .

EDNA SAVAGET
Jornalista









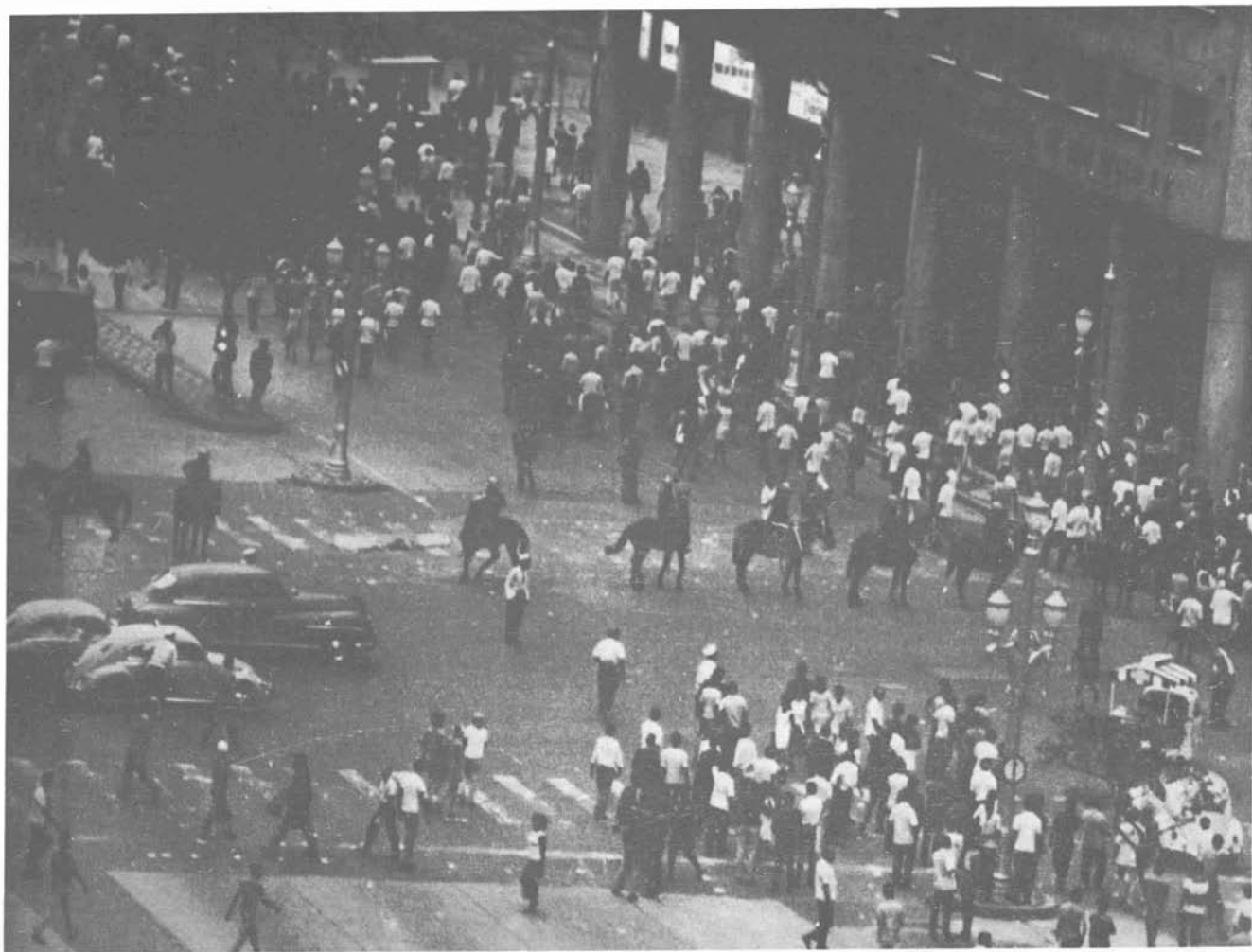
Em 1968 eu estava extremamente perturbado com o que se passava no Brasil. Todos nós tínhamos esperanças de que os maus momentos de 1964 seriam efêmeros e fugazes. Mas 68 já tinha chegado e nada parecia mudar. A não ser a impaciência do país. Convulsões por todo o país, agitação, passeatas, protestos e na minha área de atuação, grande mobilização de artistas e intelectuais. E finalmente o AI-5.

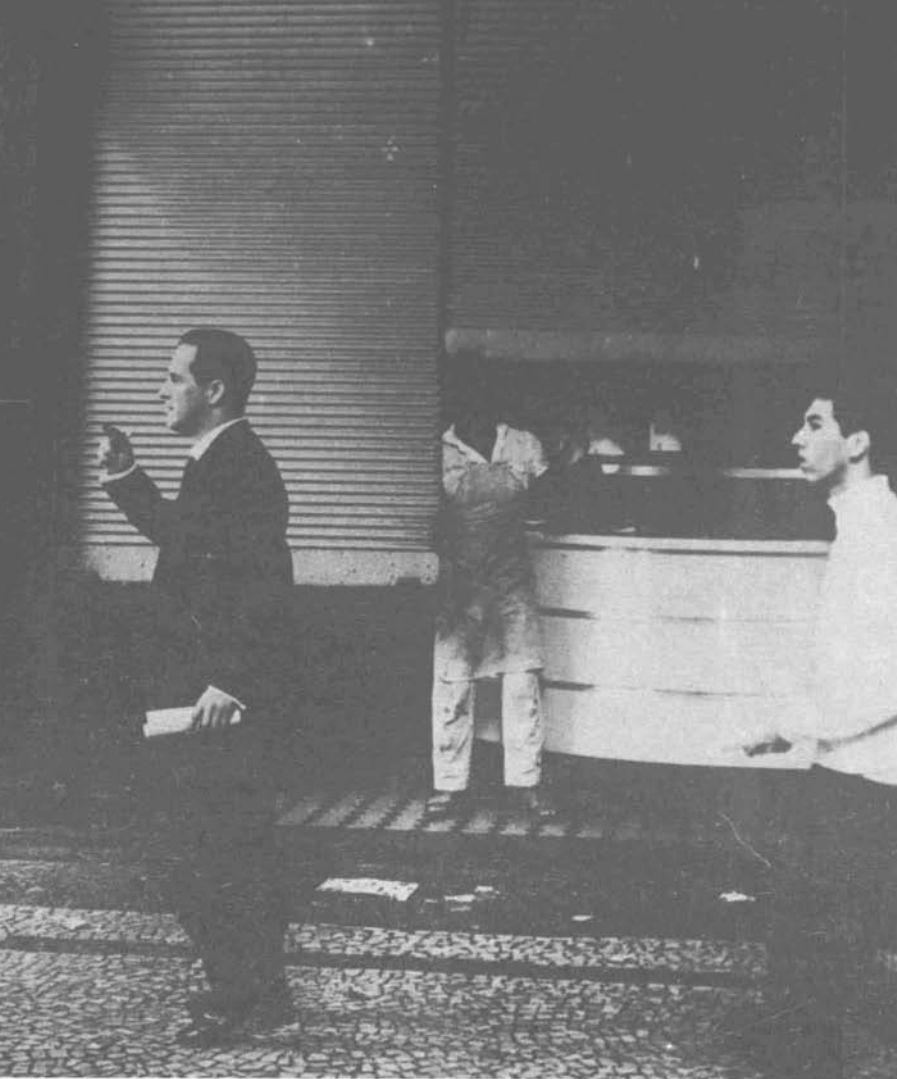
Hoje, vinte anos passados, lembramos 68 no Brasil, e no mundo.

É naturalmente associamos a inquietação brasileira ao que acontecia na Europa na mesma época. Mas em 1968 eu só queria me livrar daquele regime de pesadelo que me oprimia, e ao meu país, e que durava já mais tempo do que eu poderia possivelmente imaginar. . .

AMIR HADDAD
Diretor de Teatro







Agosto de 68! . . . Era como um direto no queixo da esperança.

1968 começa para mim como se não tivesse existido 1964.

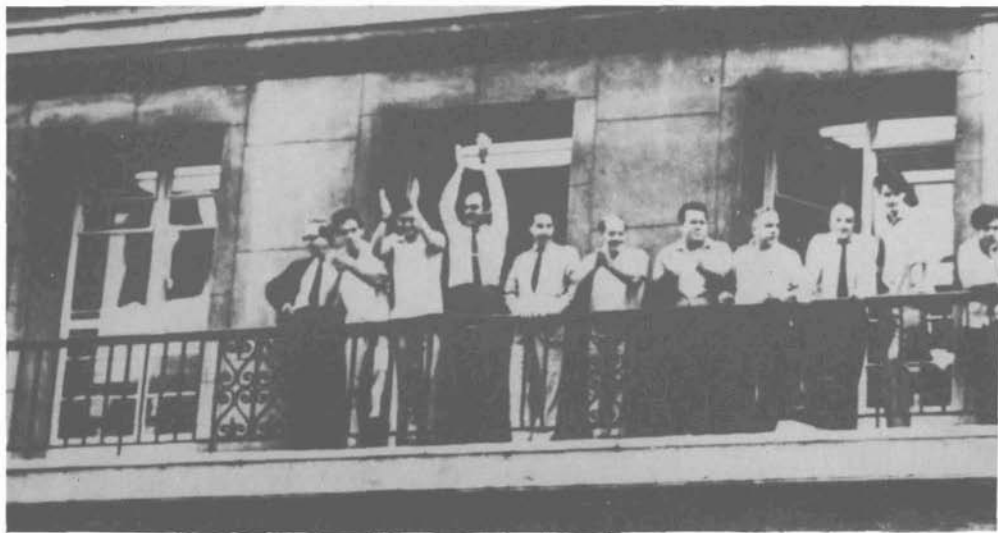
Eufórico com o brilhantismo da poesia e da música popular brasileira, não me dava conta de que nem todas as forças ocultas estavam à mostra. Empolgado com o avanço da organização dos trabalhadores, não percebia que a Marcha da Família com Deus. . . estava apenas dando a volta no quarteirão. Totalmente inebriado com o movimento estudantil, me extasiei com a passeata dos cem mil, brinquei de bandido e mocinho correndo pelas ruas do centro do Rio, pedras na mão. AI-5. Foi como um direto no queixo da esperança.

AQUÍLES RIQUE REIS

Cantor, integrante do conjunto

MPB-4

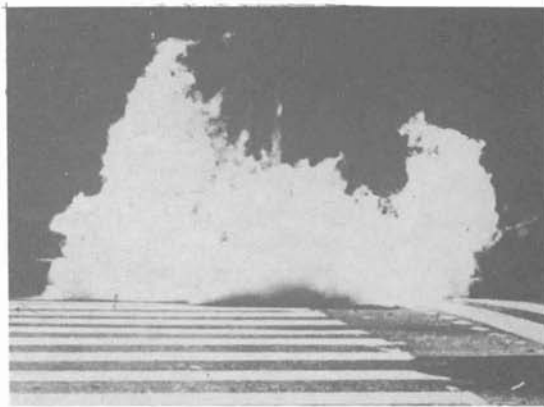




Querer era poder, nos anos sessenta. Espaço aberto para a criação, a transformação. 1968, o pique máximo de uma renovação que o golpe de 64 apenas conseguira potencializar: cinema novo, bossa nova, arena, oficina, opinião, tropicalismo. Na Europa, “a imaginação no poder”; aqui, o poder da imaginação iludindo a polícia, o exército, a censura, os nossos próprios medos. E havia tempo para tudo. Para filmes (fiz quatro, o último deles *Macunaíma*), peças, debates, festivais,

passeatas — ah, a inesquecível solidariedade das mãos dadas diante do pavoroso aparato da repressão! Foi bonito, pá. Mas no final do ano, o sinistro crepúsculo do AI-5 sepultava os mais puros sentimentos de justiça e amor. O sonho terminara e entrávamos nos anos setenta, noite de luto e humilhação.

PAULO JOSÉ
Ator



Foi um ano realmente estranho. As condições não eram nem um pouco favoráveis, a ditadura preparava-se para fechar o cerco e só estavam conosco um punhado de estudantes, intelectuais, artistas e lideranças de pequenas greves operárias já derrotadas. É verdade que o movimento estudantil realizara grandes

manifestações, mas não podia haver dúvida de que estava isolado. O movimento declinava, ao menos temporariamente.

E, no entanto, tínhamos enorme disposição de luta. Acreditávamos que as mudanças com que sonhávamos eram possíveis — e mesmo inevitáveis. Havia muita dedicação, entrega, generosidade. Nesse sentido fomos tomados também pelo autoritarismo (contaminação pelo inimigo?) que habitava entre nós.

Mas lutamos. Pelas mudanças sociais e políticas numa sociedade opressiva e injusta. São referências válidas — para serem reelaboradas e repensadas. Talvez sirvam para enfrentarmos os desafios atuais.

*DANIEL AARÃO REIS FILHO
1968 Dirigente Estudantil — UME
1988 Professor e escritor*







1968 parecia ser um ano em que havia condições de se ter um movimento forte. Mas, nem passava pela nossa cabeça juntar 100 mil pessoas numa passeata. O objetivo era integrar a massa universitária na UME, trazer setores que não estavam nem preocupados com o ME. Começamos a criticar a universidade, queríamos obter conquistas significativas, confiávamos no nosso crescimento. Acreditávamos que o movimento de massas era possível.

O movimento de 68 surgiu em várias partes do mundo ao mesmo tempo. O nosso foi mais sindical, a nossa dinâmica foi bem autônoma, inserida em nossas condições particulares.

1968 representa a consagração de uma ruptura com os costumes tradicionais. A hierarquização da universidade começou a cair também em 1968.

Ficam algumas experiências: a necessidade do ME priorizar as questões da universidade; das entidades representarem os estudantes e não só os setores avançados; de se encontrar, a cada momento, a articulação entre a luta sindical e a luta política, evitando a partidarização do movimento.

*VLADIMIR PALMEIRA
1968 Dirigente estudantil – UME
1988 Deputado Federal*







Três anos ou 30 vivemos naquele ano? Não sei, mas o que mais me ficou de 68 foi a certeza do processo de amadurecimento que tivemos de viver. As palavras de ordem gritadas nas passeatas, pedras e paus contra as balas da polícia, a possibilidade de expressar a minha rebeldia. O perigo, a morte à espreita, a dolorosa clandestinidade (Ah, quantos abraços não dados!), o amigo perdido (por morte ou prisão), as discussões e reuniões, a idéia de estar contra o sistema — algo tão concreto e tão abstrato, e, sobretudo, a administração do medo para ser transformado em coragem me levaram a um processo acelerado de entender o mundo. E como dói e faz bem a maturidade assim conquistada: arregalar os olhos para o mundo e não mais poder fechá-los.

FRANCISCO MENDES
1968 Estudante
1988 Sociólogo

Com uma persistência rara, para o Brasil, 68 ainda povoa o nosso imaginário coletivo, mas não como objeto de reflexão. É uma vaga lembrança que se apresenta ora como totem, ora como tabu: ou é uma mitológica viagem de uma geração de heróis, ou a proeza irresponsável de um "bando de porraloucas", como se dizia então.

Na verdade, a aventura dessa geração não é um folhetim de capa-e-espada, mas um romance sem ficção. O melhor do seu legado não está no gesto — muitas vezes desesperado, outras, autoritário — mas na paixão com que foi à luta dando a impressão de que estava disposta a morrer de tudo, menos de tédio. Poucas — certamente nenhuma depois dela — lutaram tão radicalmente por seu projeto, ou por sua utopia. Ela experimentou os limites de todos os horizontes: políticos, sexuais,

comportamentais, existenciais, sonhando em aproximá-los todos.

Sem dúvida, há muito o que rejeitar da geração de 68 — o messianismo revolucionário, a onipotência, o maniqueísmo —, mas há também muito o que resgatar de sua experiência.

Texto extraído com permissão do autor da apresentação do livro, 68: A aventura de uma geração.

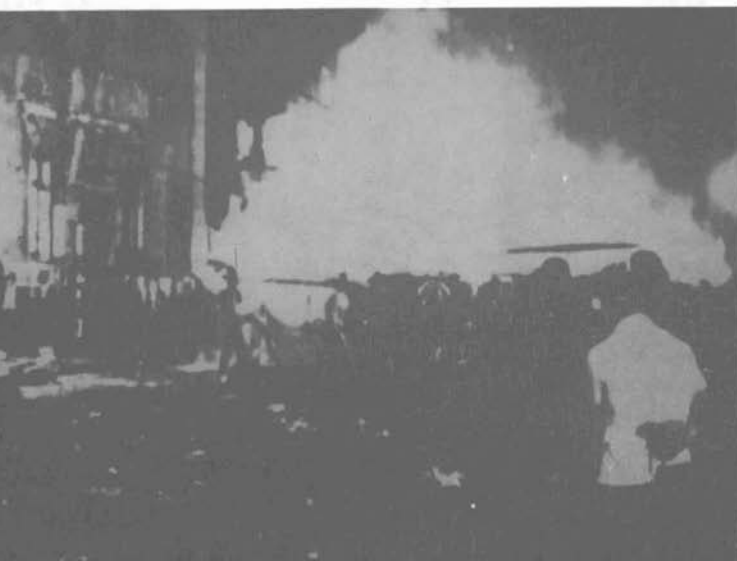
ZUENIR VENTURA
1968 Professor universitário
1988 Jornalista

A-UEG REPLICIA
ASCOS DA DITADURA

NÃO TEMOS MEDO:
ACEITAMOS O "DIÁLOGO"

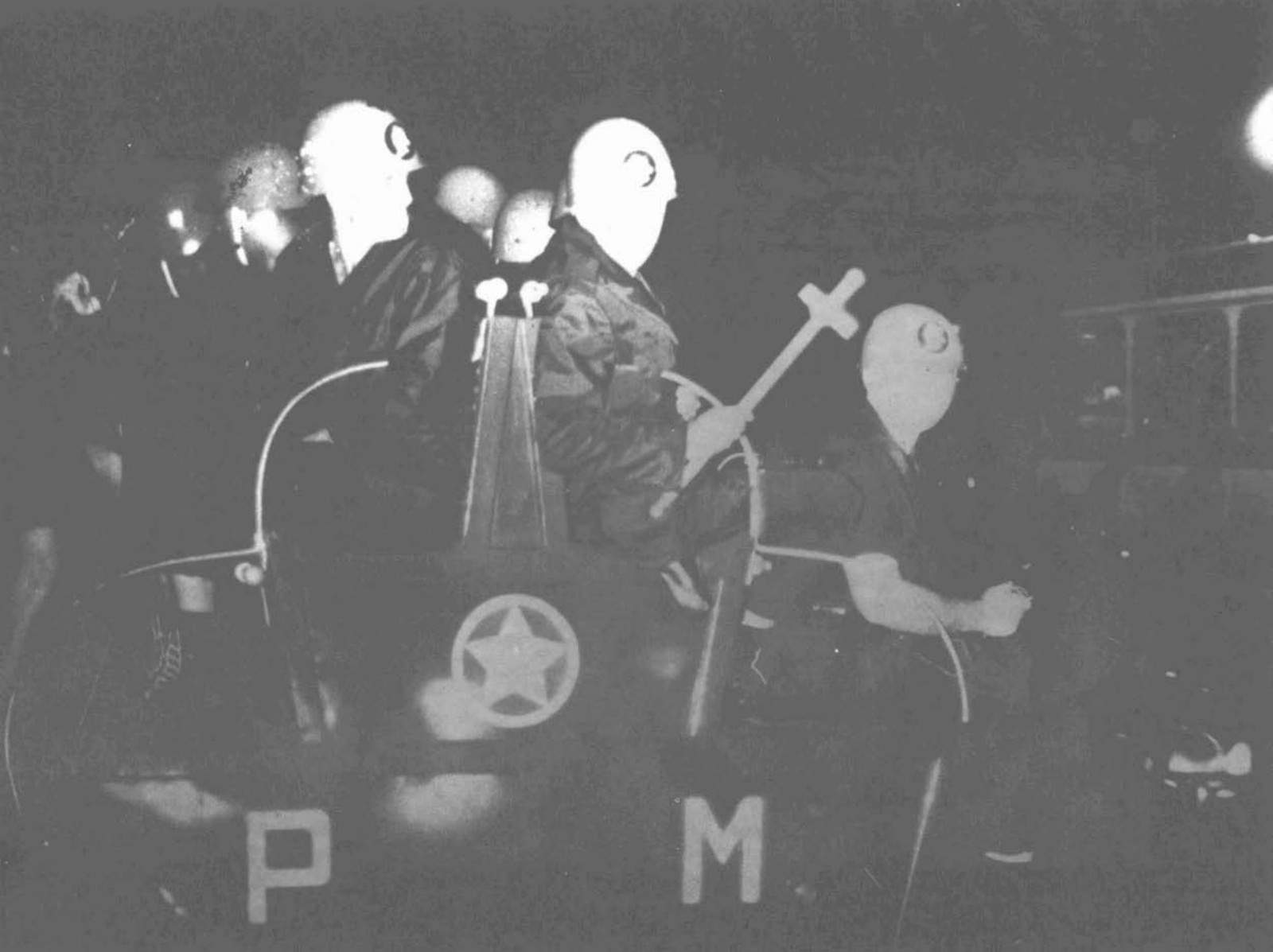
MASSACRE
EM SÃO CARLOS
1964





Eu vivia no cinema. E assim, 68 começou antes de começar. Primeiro foi o *Terra em transe* do Glauber, *A chinesa* do Godard, o *Édipo Rei* de Pasolini e as *Atualidades Francesas* com o maio de Paris. Depois, quando a realidade começou a imitar o cinema, fui olhar a rua como se ela fosse um filme, por trás do visor de uma câmera de filmar. Lá pelo fim do ano — manhãs cinzentas —, uma foto no jornal, Costa e Silva com um crucifixo na mão, reencenava ao vivo a imagem de Don Porfírio Dias ao gritar em Eldorado sua decisão de transformar o país numa civilização pela força. Quando baixou o AI-5, o cinema já tinha mostrado que o tempo dos filmes com final feliz havia terminado. No cinema e na realidade começávamos a viver a fusão da política e da poesia e, sem a esperança do *happy end*, a exigir o impossível.

JOSÉ CARLOS AVELLAR
Crítico de cinema





Qualquer tipo de luta contra a opressão e a ditadura é sempre positivo. Triste para quem perdeu filhos, parentes e amigos. Mas a vida é isso.

RUBIM SANTOS LEÃO DE AQUINO
Professor

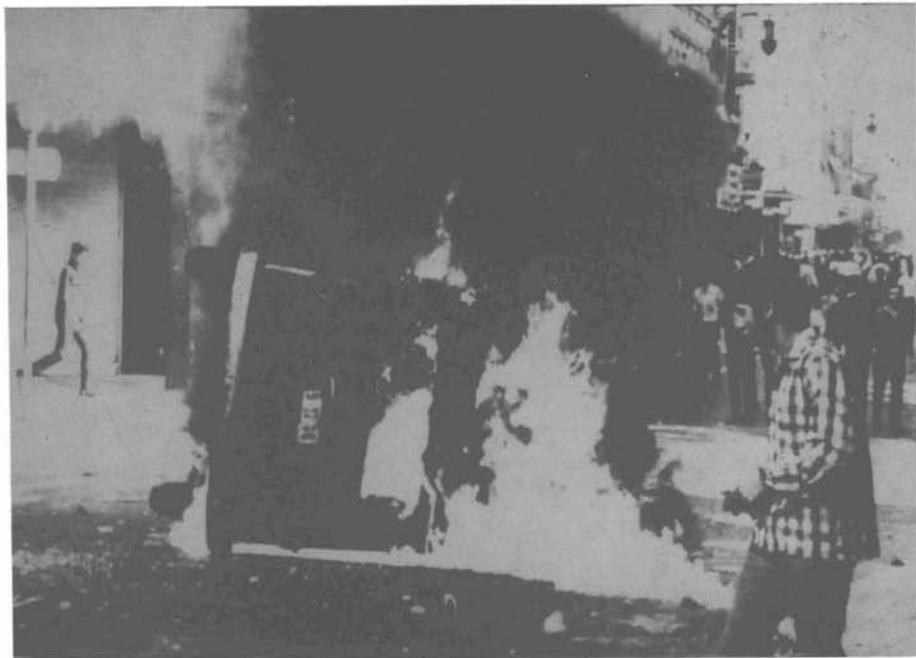


Falar 20 anos depois sobre o vivido em 1968 é recordar como, depois de quatro anos de golpe militar, nos engajamos fundo pela redemocratização do país e melhoria do ensino.

Parece que foi ontem. Mas o vivido na época marcou minha vida para sempre. Transbordamos os muros da universidade, nos fundindo com o povo, pela redemocratização do país. Saímos das grandes passeatas de 68 e mergulhamos na luta armada contra a Ditadura. Organizei a resistência lado a lado de companheiros como Stuart Angel Jones, Marilena Villas Boas, Mario Prata, Lamarca e tantos outros.

Muitos já não estão entre nós, tombaram; acreditando no que fizemos, muitos amargaram anos de cadeia injusta e tantos de exílio!

Aos que não viveram 68, saibam que valeu a pena, e temos a luta pela consolidação da transição democrática, na ordem do dia. E para travarmos juntos.



CARLOS ALBERTO MUNIZ
1968 Dirigente estudantil – UME
1988 Engenheiro



1968 foi, antes de tudo, um ano de ação. Resistência ativa na política, na sociedade e na cultura, contra a violência dos que assaltaram o poder e a dos que se acomodavam na calmaria do antigo.

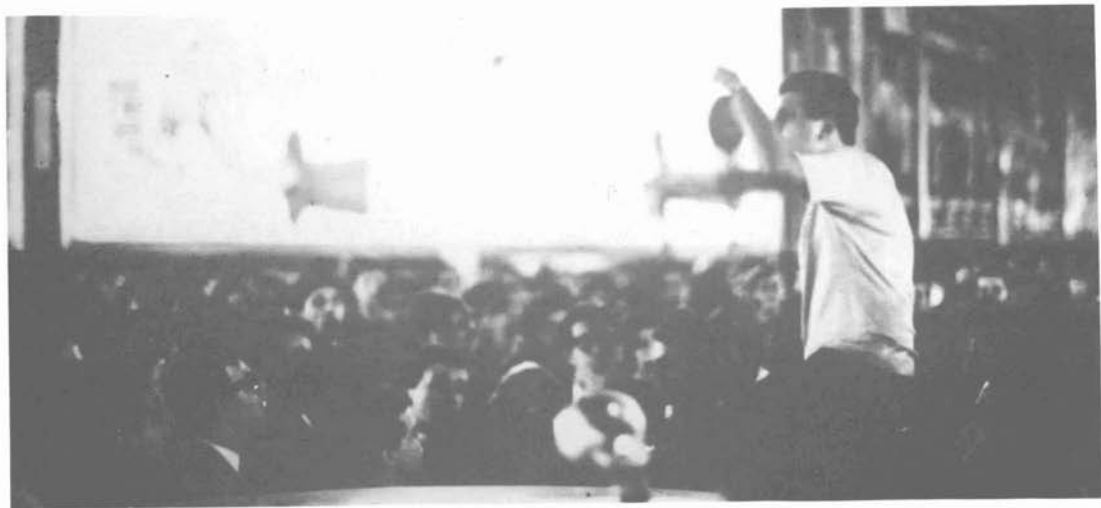
Uma luta desigual em todas as frentes: pedra x metralhadoras; arte x Estado; Vietnã x EUA; filhos x pais; mulheres x homens; negros x discriminação; homossexuais x hipocrisia; oprimidos x poderosos.

Perdemos quase todas as lutas no plano imediato. Mas continuava vivo o exemplo de lutar, de se expor, e a consciência de que quase tudo por que lutamos ainda está para ser conquistado.

Conosco tínhamos a mais importante e a menos eficiente das armas: a esperança de mudar e uma confiança infinita nesta mudança.

FERNANDO SÁ
1968 Estudante
1988 Editor





O movimento que se convencionou fixar no ano de 1968, a rigor não está desvinculado da história. Em 68 aconteceu o AI-5, que aprofundou a ditadura, o regime autoritário. Talvez em razão disso se escolheu 68 como um marco. Mas a rigor os movimentos de inconformismo já vinham se manifestando antes. Em função do fracasso desses movimentos, dessa reação ao *status quo*, os jovens, ante essas frustrações, assumiram a vanguarda dos movimentos de inconformismo.

O que se viu foi a outorga aos jovens da direção dos movimentos de rua. Por isso ressalvo quando se critica que o movimento não soube se estruturar: a rigor, ele foi a raiz dos movimentos de inconformismo que se plantaram no país. Tudo vai buscar inspiração nos movimentos dos estudantes, que acabaram no movimento de luta armada.

Por isso acho que o que se chamou de 68 vai

ser melhor analisado no futuro. Tive estreito comprometimento com esses fatos, porque compreendi isso e atuei nos foros, defendendo esses jovens. . . isso me fez ser indicado por eles para a comissão dos cem mil. Fui advogado do Ibiúna, ganhei o *habeas corpus* para soltar todas as lideranças em 12 de dezembro e no dia 13 foi o AI-5. Fui o advogado do Medeiros, do Vladimir, do Travassos, Gabeira, Carlos Alberto Muniz, Elinor, Franklin. Tirei o Muniz do Brasil, na clandestinidade.

MARCELLO ALENCAR
Advogado







Quando anoitecia, no dia do AI-5, eu estava na velha TV-Rio ajudando a preparar o *Jornal de Vanguarda*. Nenhuma preocupação mais séria. Militares do Exército me procuraram na portaria, se dizendo estudantes. Subiu o chefe. A cabeça quase raspada alertou companheiros, que me deram cobertura para escapar por trás de cenários. Na casa de Glauco Rodrigues ouvi espantado a leitura do Ato. Embora jornalista, a surpresa foi total. O ano de 68 representou a constatação definitiva de que a idéia de barbarismo político, recusada pelas gerações pós-Estado Novo, mesmo depois de tudo o que aconteceu em duas décadas tumultuadas, se aplicava ao Brasil em gênero, número e grau.

NEWTON CARLOS
Jornalista









A gente tava preparado pro tiro na testa, talvez. O sonho ali ao alcance da mão, a revolução sendo feita no dia-a-dia. Os pontos, as questões de ordem, os conchavos. Mas a gente não estava preparado pra 69. O *day-after*. A tortura. Cada neurônio, uma trincheira. A gente era limpo demais pra guerra suja que a gente foi obrigado a enfrentar. Mas tamos af. É o que importa.



LUIZ RAUL MACHADO
1968 Diretor da UNE
1988 Escritor





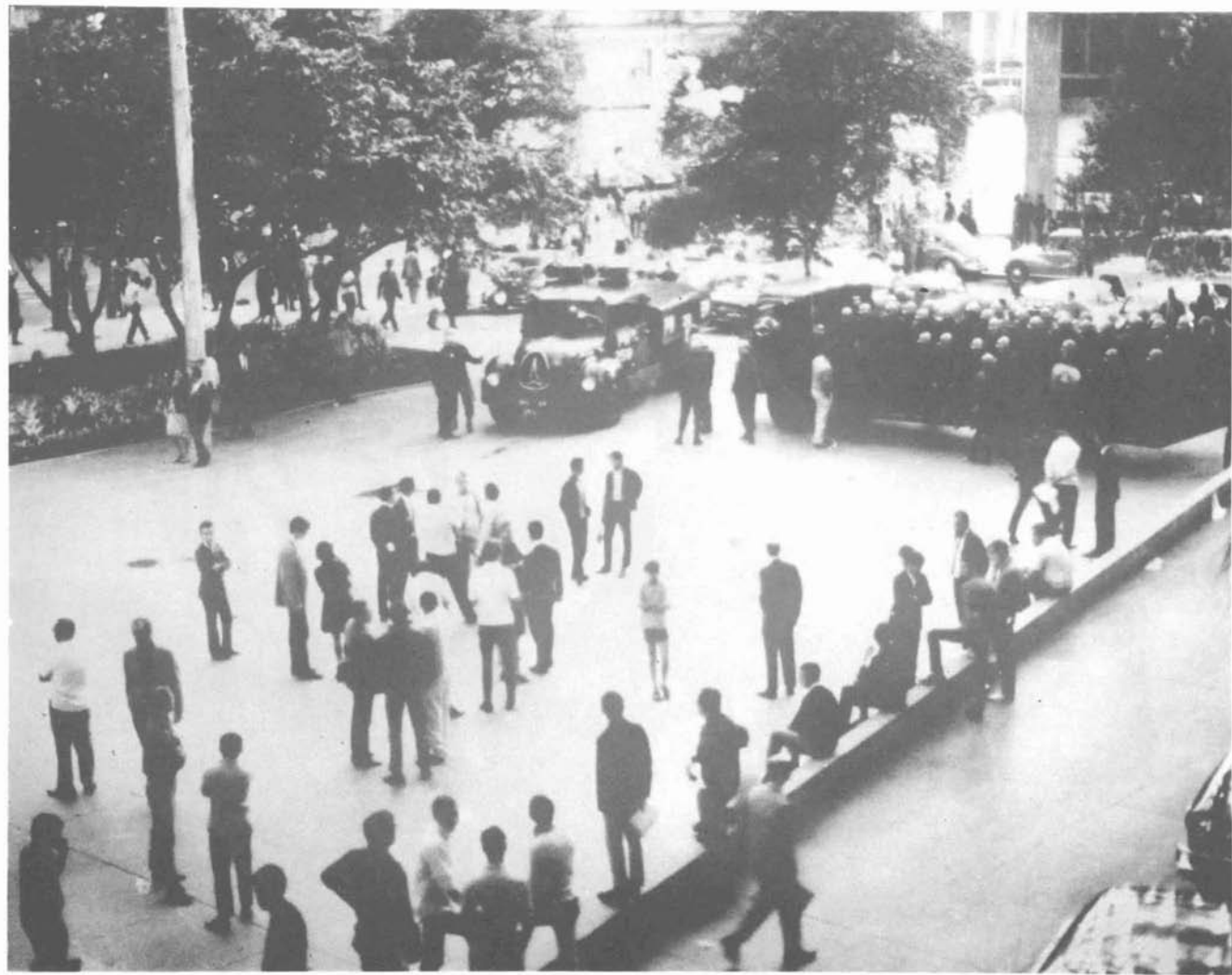


Em 68 eu estava no 2º ano de Filosofia, curso que terminei em 1970, e meus 3 filhos eram estudantes engajados no Movimento Estudantil. Embora trabalhasse como Química, até 68 eu era uma simples dona de casa, esposa de um oficial do Exército.

Com a minha volta à Universidade em 67, ocorreu comigo uma não menos maravilhosa transformação: o meu mundinho expandiu-se. No convívio diário

com a mocidade universitária e na participação nas assembléias estudantis, eu cresci, e hoje vejo que, se antes de 68 eu era feliz, agora a felicidade que eu sinto em viver é de uma outra qualidade: um sentimento de bem-estar *consciente* do que acontece à volta de nós todos, e uma certeza de que, como disse o poeta, "quem sabe faz a hora".

IRAMAYA BENJAMIM
Estudante e mãe de estudante









FAZEM FERRMAGEN
E VERBA
DIREITO
M=DIRE

QUEM PRECIO

ANTE UEL
DIREITO EXIGE
LIBERDADE DE

PSICOLOGIA
DE TODOS NOS

CIENCIAS MEDICAS
DIT CONTRA

VOCES TAMB
CURSOS

CONTRA
PSICOL
POVO





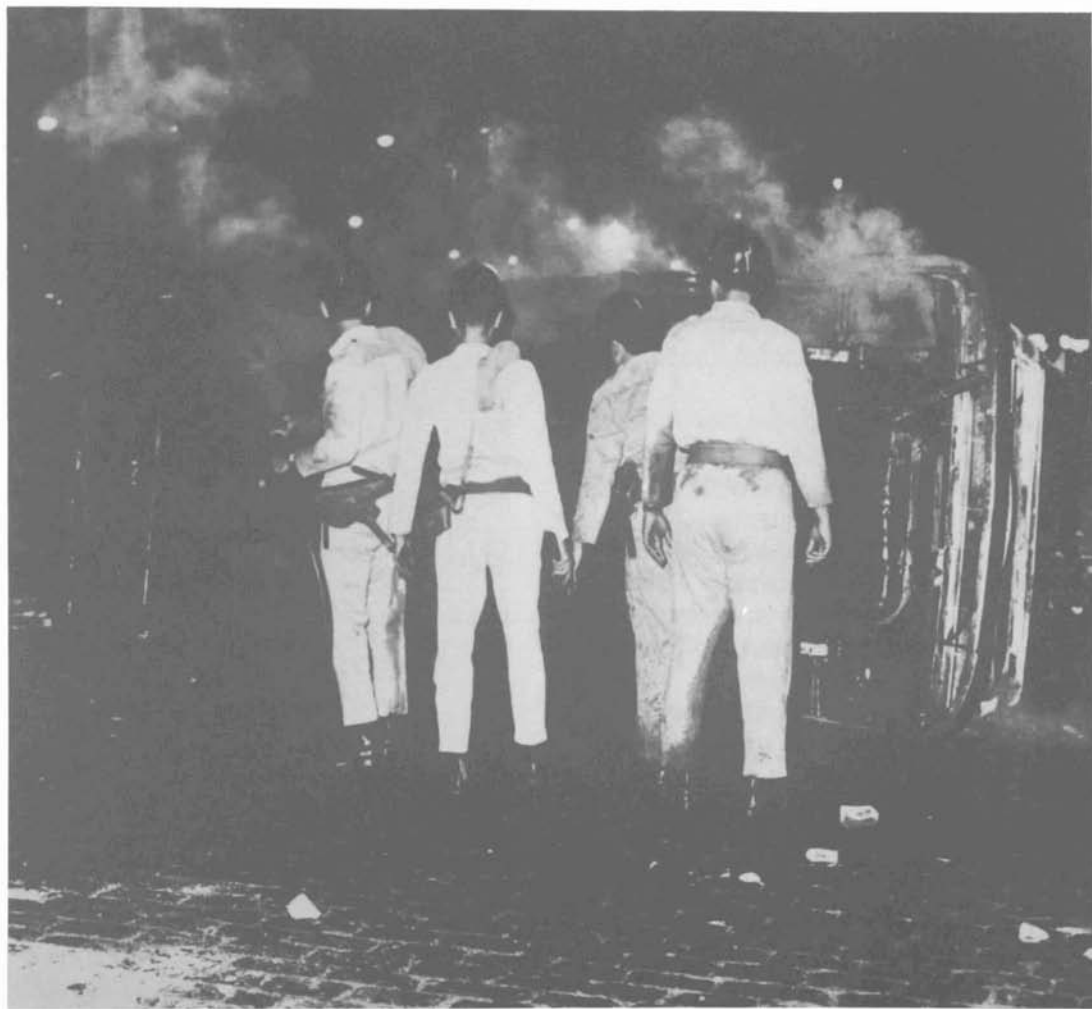
Ação, criação, emoção — para mim, 68 foi tudo isso. Bandeiras tropicalistas na Praça, repressão baixando nos estudantes, a gente sentindo que tinha que protestar, reuniões, manifestos, faixas, passeatas, a descoberta de que muitos outros sentiam e pensavam igual, era só dar as mãos por amor ao Brasil e à nossa gente, era proibido proibir, era perigoso, era divino-maravilhoso, o país ia melhorar, ia ser justo, nós íamos passear na avenida enquanto seu lobo não vinha, a gente quis ter voz ativa, no próprio destino mandar, depois veio a roda-viva, levou o destino pra lá, era um, era dois, era cem, caminhando e cantando e seguindo a canção, Lindonéia desaparecida.

Depois, olhando para trás, desde o exílio, a frase de John Lennon: “E nós, que achávamos que o amor podia mudar o mundo. . .”.

*ANA MARIA MACHADO
1968 Professora Universitária
1988 Escritora*







1968, para mim, como para toda a minha geração, significou um momento eufórico de descoberta e mudanças radicais, mas também, simultaneamente, uma dramática tomada de contato com a realidade.

Para mim, um rito de passagem entre o sonho voluntarista das passeatas e movimentos estudantis e a descoberta de que a "verdade" tem várias versões.

O susto que significou a passagem de 1968 para a sombria década de 70 teve sua eficácia. Percebemos na pele o sentido do autoritarismo da ditadura militar e começamos a compreender o autoritarismo latente de nosso próprio sonho. O que não foi de todo um saldo negativo.

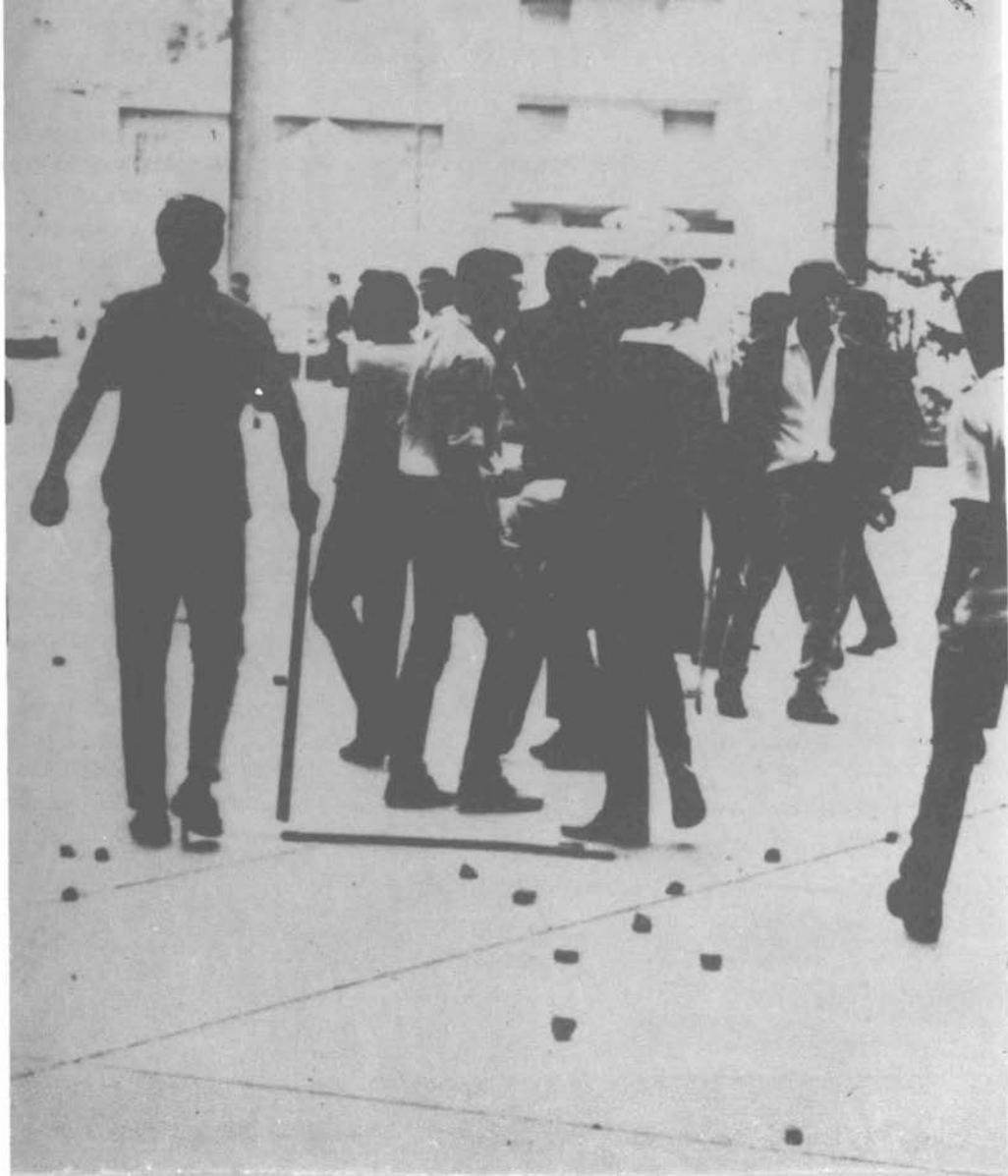
HELOISA BUARQUE DE HOLLANDA
Professora universitária





1968: clímax de um processo que vinha se gestando, já prenunciando tempos graves de um fechamento ainda maior do regime e que a nossa paixão não permitia avaliar. Me lembro da tentativa de um modo de ser diferente: corajoso, criador. “Estudante é para estudar”, era um ditado repetido por aqueles que negavam o direito de pensar e atuar do cidadão. E, no entanto, como estudávamos os livros e a realidade cotidiana. A sensação de poder criar era indizível, num espaço que não nos fora dado, mas que ousávamos conquistar. Pensávamos uma sociedade sem desigualdades sociais no futuro, mas pensávamos desde então as questões imediatas: mais vagas para que a universidade fosse de todos, mais verbas para que houvesse espaço de criação de um saber nosso. A coragem, a solidariedade, a generosidade vividas naqueles tempos nos ajudaram a viver a derrota daquele movimento.

GILBERTA ACSELRAD
1968 Estudante
1988 Enfermeira





Eu era membro do clandestino Partido Comunista Brasileiro, jornalista profissional e participante das assembléias e passeatas contra a ditadura. Respondia a um Inquérito Policial Militar, por ter sido redator-chefe do semanário *Folha da Semana*, fechado por decreto do governo. Atuava muito também na área da música popular brasileira, onde era muito grande a

resistência à ditadura.

Na noite de 13 de dezembro de 1968, dia da assinatura do AI-5, mais uma vez queimei os meus livros e documentos políticos (havia feito o mesmo em 1964). Mas só fui preso em novembro de 1970, passando uma temporada de dois meses na Vila Militar. Fazia um calor danado.

SÉRGIO CABRAL
Jornalista





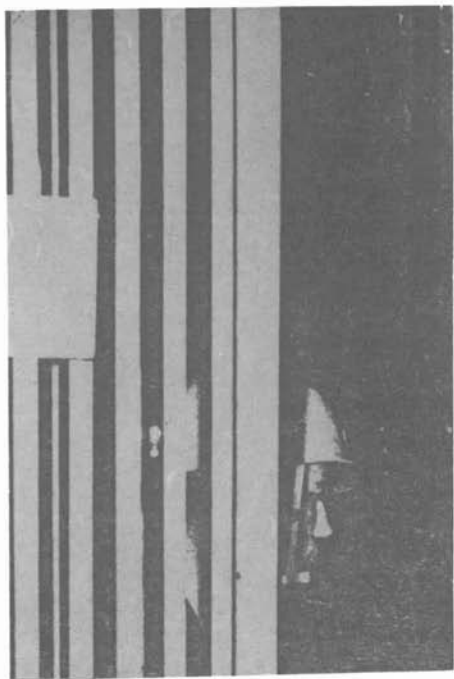


O assassinato de Edson Luís no Calabouço foi o estopim das grandes manifestações de rua. A cada nova passeata, um rio de gente se lançava, como ondas, sobre as ruas. Chegamos aos 100 mil. Recordo-me entre os manifestantes, todos de mãos dadas ou sentados e deitados nas Avenidas Presidente Vargas e Rio Branco, gritando *slogans* a favor da liberdade, contra o arrocho salarial e a ditadura.

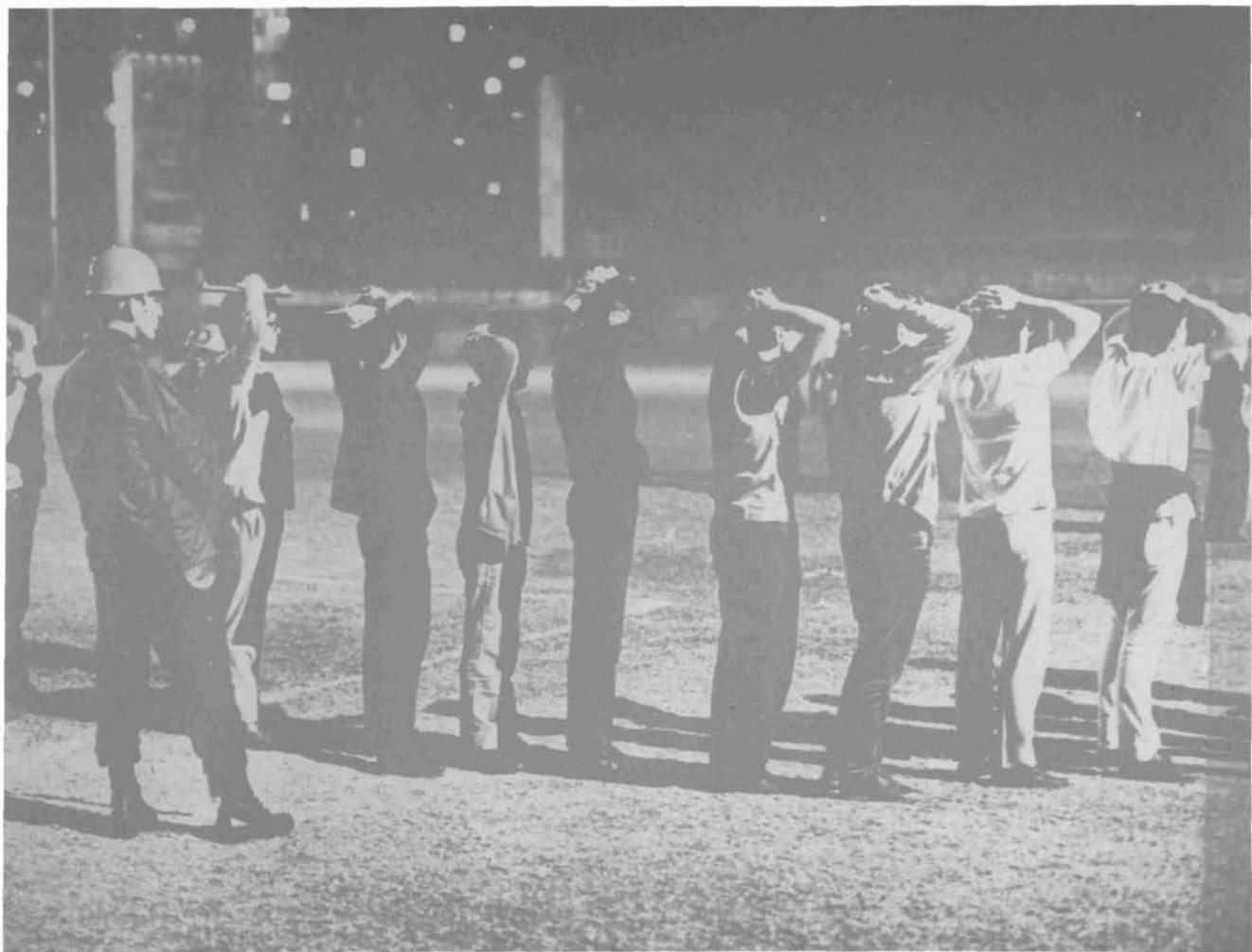
Mas 68 foi também o ano da grande festa tropicalista, das manifestações de arte na rua, de arte no Aterro, do festival das

bandeiras, do *Apocalipopótese* de Oiticica e Rogério Duarte. Fugindo ao cerco das galerias e à censura dos museus, os artistas também ergueram suas barricadas — geração tranca-ruas —, desfraldaram bandeiras, foram onde o povo estava. Arte e política juntas, nas ruas. Alegria criativa.

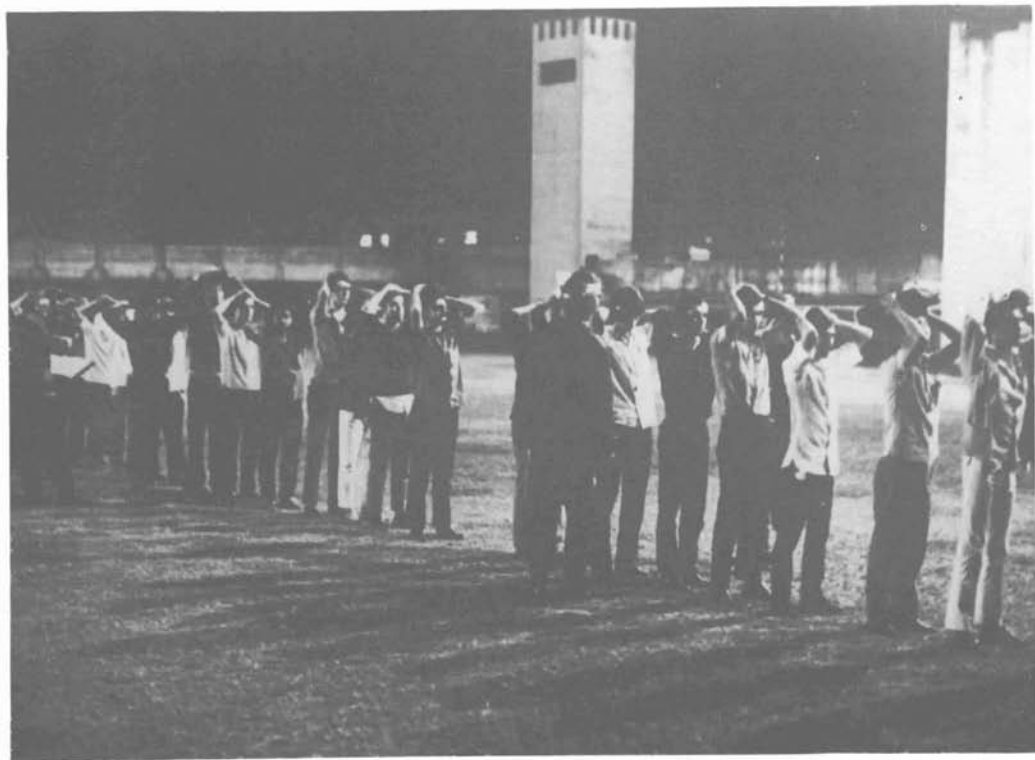
FREDERICO MORAIS
Crítico de arte

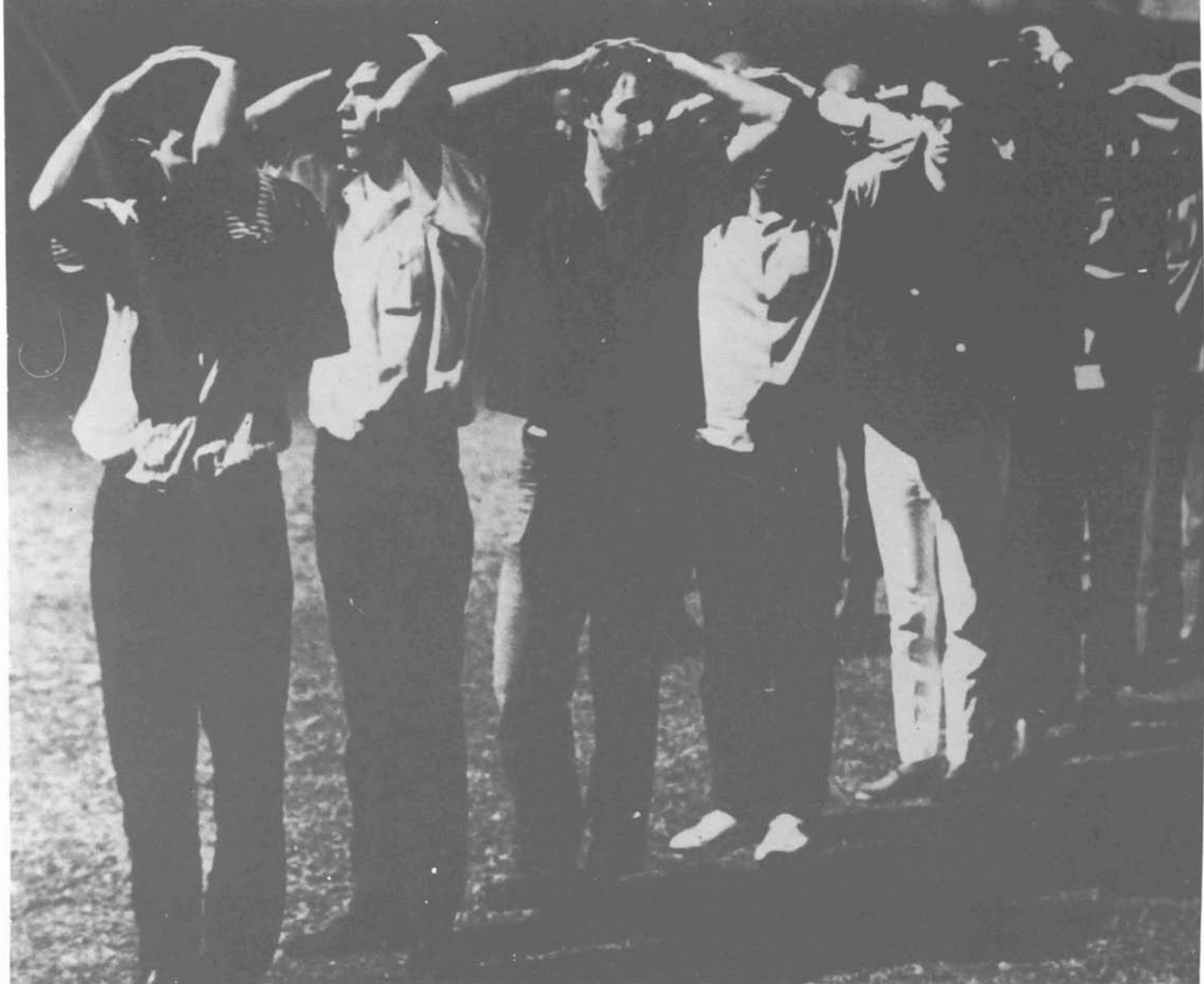














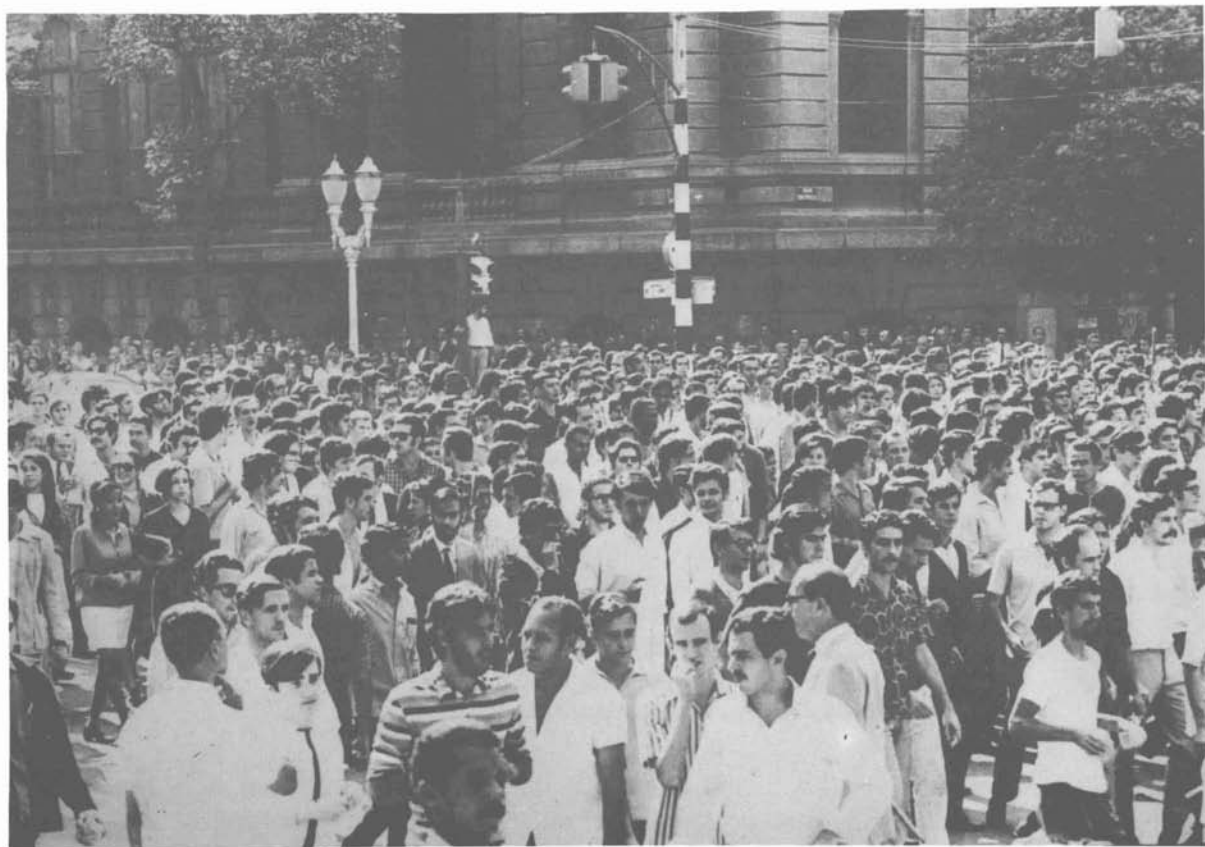


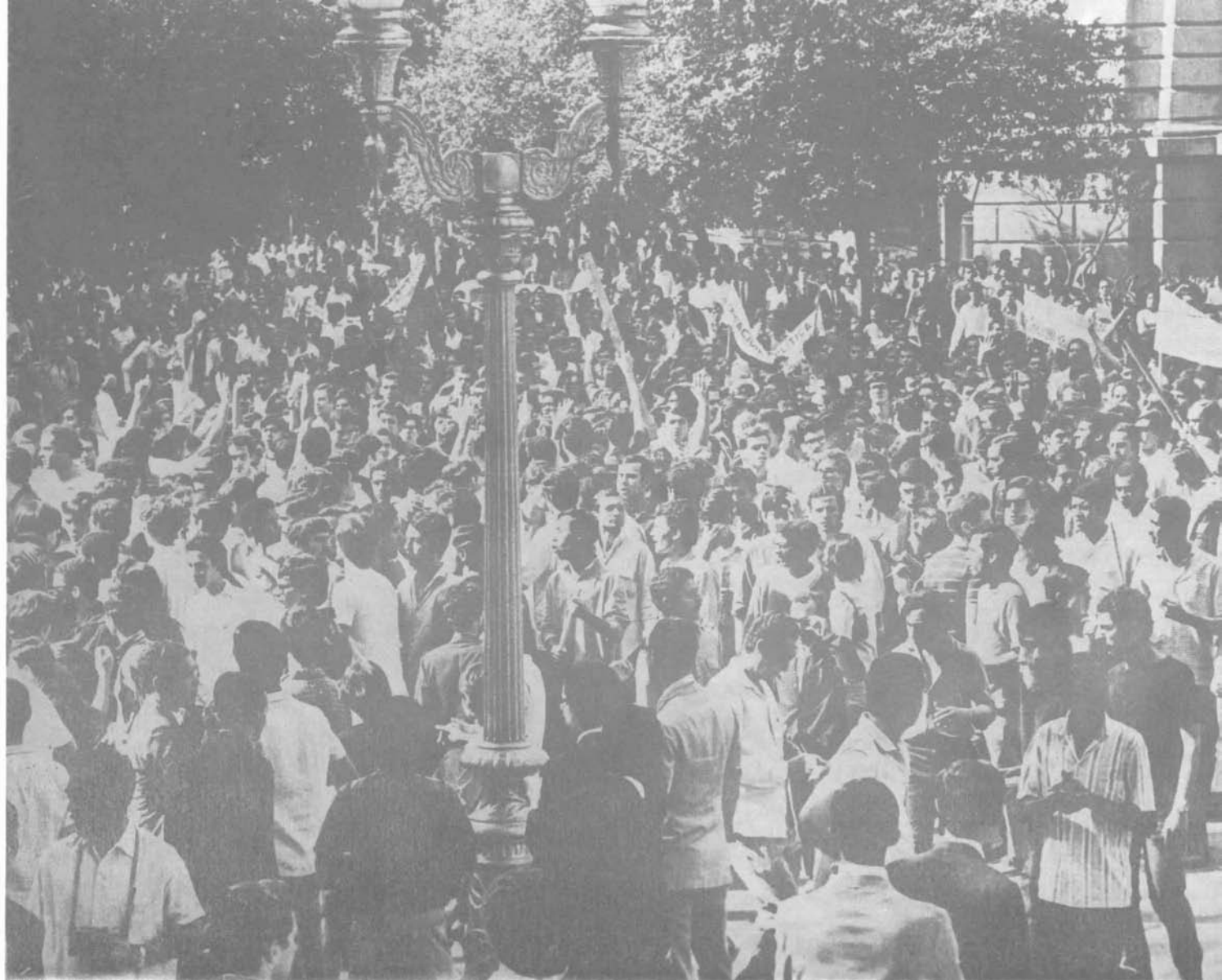


De 1968, ano que começou com grandes esperanças e acabou em frustração total, ficou-me a sensação de medo. Talvez por ter ficado na retaguarda no momento mais heróico, a chamada passeata dos 100 mil. Havia o medo concreto e razoável de repressão violenta. E armamos um esquema para amparar nossos feridos e não deixar que nossos mortos desaparecessem (ninguém esperava tanta gente, o que inibiu a repressão). Fiquei cumprindo minha tarefa na ABI, de plantão para atender a possíveis telefonemas de jornalistas. Ouvi o ruído da passeata e a vi de relance, enquanto alguém ficava em meu lugar. A ordem era não sair de perto do telefone. Não vivi a alegria; só a apreensão. E esta não parou de crescer, por conta do AI-5.



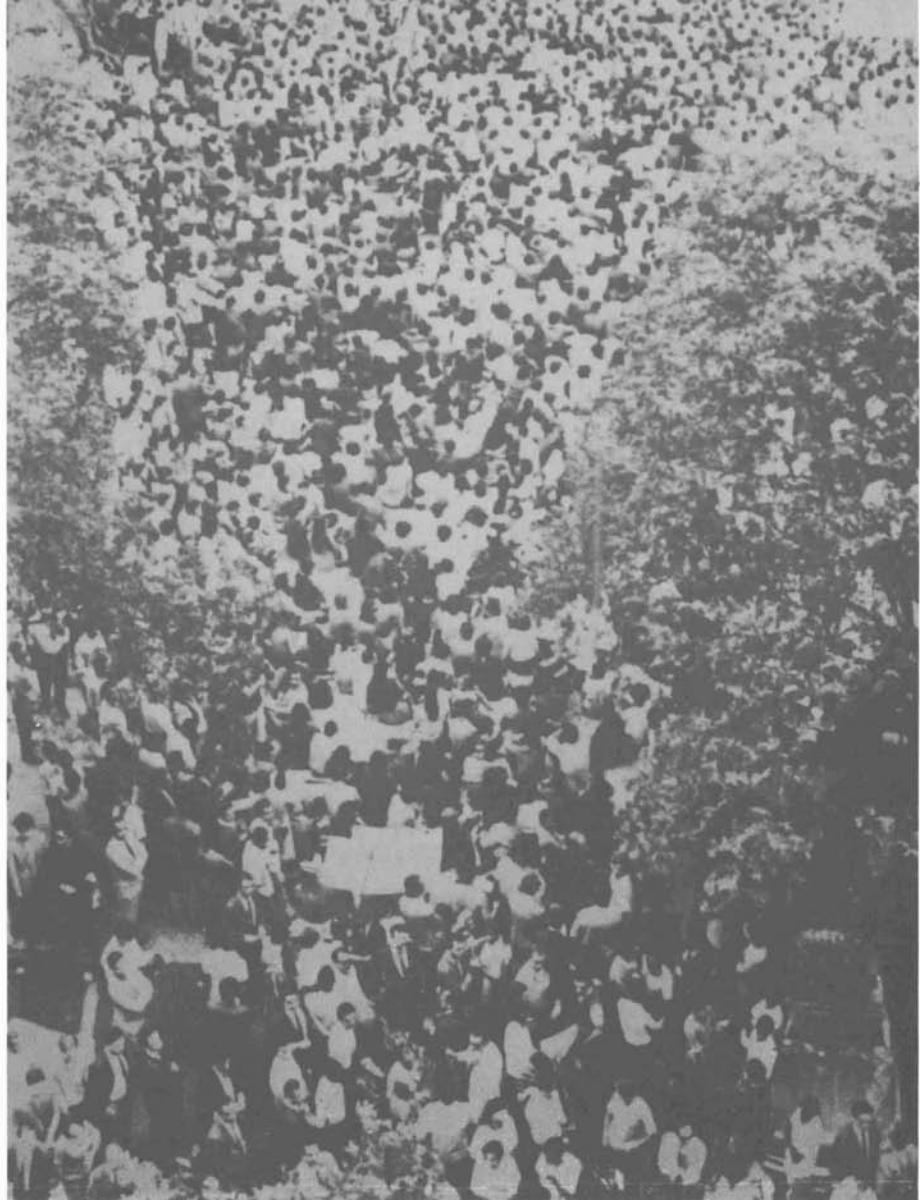
ANA ARRUDA CALLADO
Jornalista





Sessenta e oito para mim é uma mistura de emoções e sentimentos. O rosto bonito de Norma Bengel chorando no enterro de Edson Luís. Eu correndo da polícia, disfarçada de moça fina (saia-calça escocesa, blusa de seda), pois já estava na clandestinidade e era perigoso ser jovem e ter jeito de estudante. De um lado, a militante que não acreditava mais neste tipo de manifestações e já se preparava para a luta armada. De outro, a mesma militante que não conseguia escapar da emoção daqueles momentos e ia a todas as passeatas, obedecendo a uma ordem um tanto estranha: participar, mas jamais ser presa.

MARIA DO CARMO BRITO
Socióloga





1968 foi um ano decisivo na minha vida de jovem idealista, inquieto com um futuro brilhante que antevia. Nele joguei toda minha juventude, força e esperança. Muitos jovens como eu também o fizeram, às vezes com o custo da própria vida, ruína familiar e sanidade mental. Não sou político nem filósofo. Sou como a maior parte dos brasileiros: ignorantes, mas nesses gloriosos e negros tempos do Brasil, apreendi a qualidade e a quantidade de sangue e sacrifícios que vivi através de meus jovens olhos de fotógrafo, e que me deram a certeza de minhas teses desdentadas: era possível ver um dia meu povo livre e unido.

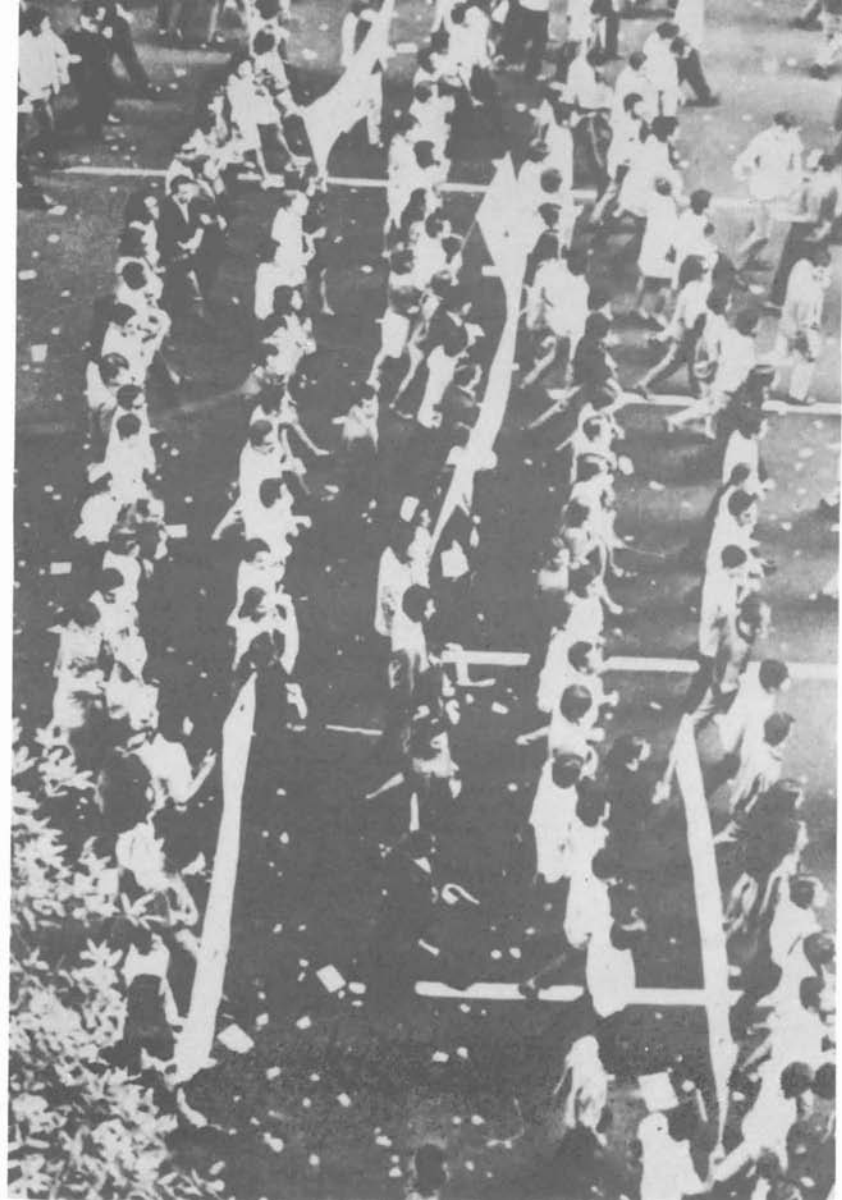
Fornos esmagados, torturados e neutralizados, mas muitos como eu

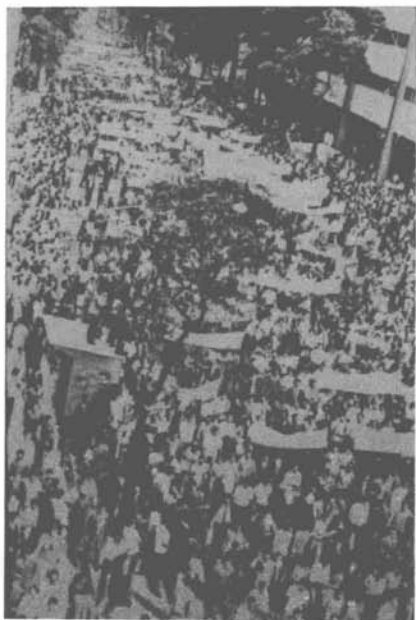


sobreviveram. Nosso sofrimento, derrotas e dor amadureceram e são esses frutos amargos, mas verdadeiros, que agora damos aos nossos jovens e filhos para provar e repartir e também refletir, para que jamais cometam nossos erros passados.

Atenção, grandes senhores desse passado decrépito chamado de 1968! Tremei! Os jovens de 1988 enchem as praças e continuam por aí.

PEDRO DE MORAES
Fotógrafo



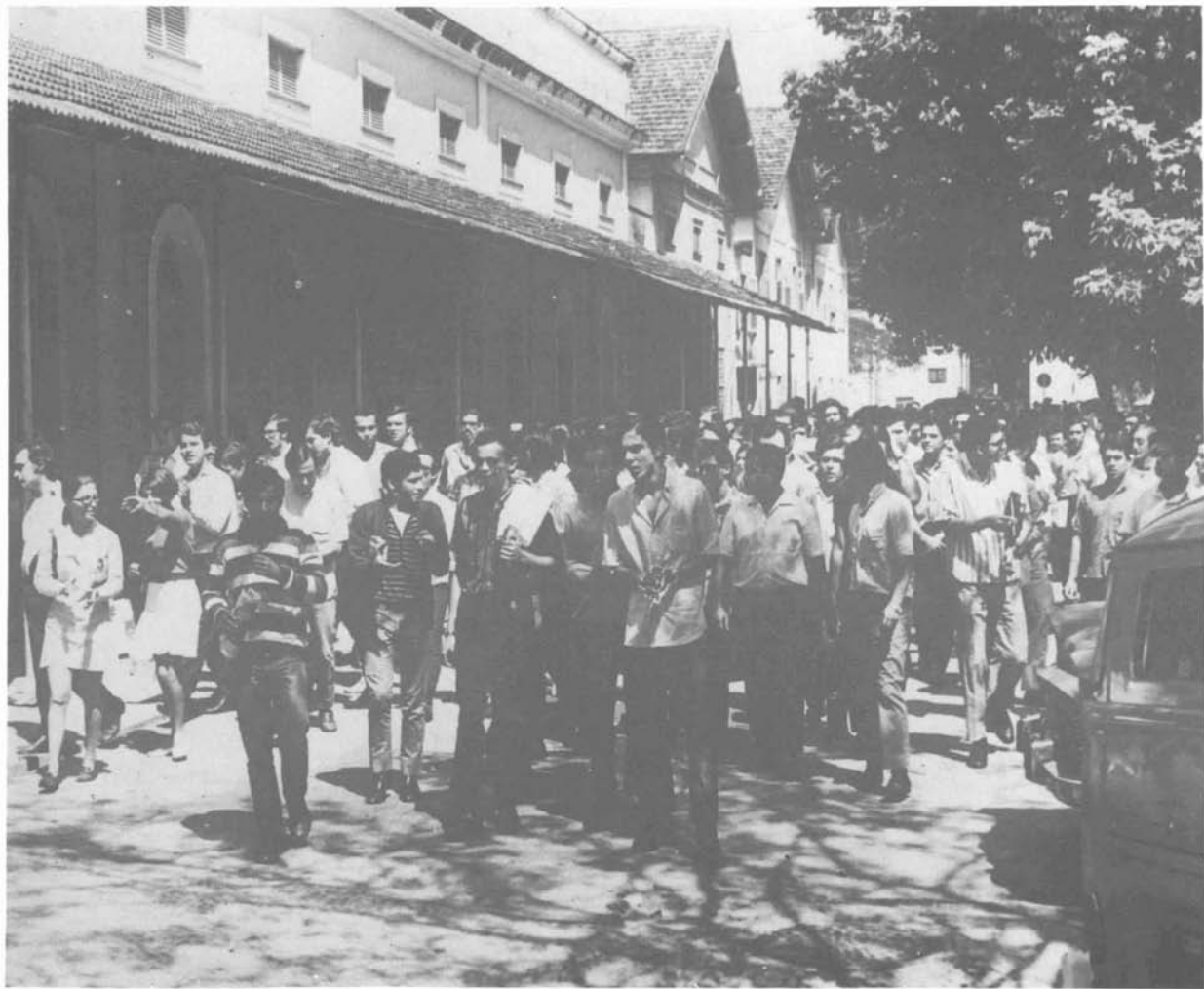




OS ENCONTROS









Sessenta e oito foi um rio que passou em nossas vidas. Éramos inocentes, puros e bestas, como dizia a canção. Debaixo das minissaias ou das calças Lee com camisetas da marinha, pulsavam corpos e corações generosos, dispostos a arregaçar as mangas e passar tudo a limpo. Nossa falta de jeito era tão grande quanto nosso entusiasmo. Nossa ignorância tinha o tamanho de nossa

ternura. Não éramos nem melhores nem piores do que os jovens de hoje. Sentimos o raio da revolução cortar ao meio a laranja do mundo e desejamos ajudar a descasca-la para livrar a humanidade do bagaço do conservadorismo. É claro que não conseguimos, mas, como escreveu Alex Polari, foi muito bela nossa luta.





POLICIA ASSASSINOU NOSSO COLEGA EM:
UNE SOMOS NÓS 22-10-68
UNE UNE

ANO IV DA JORNAL

OS MUROS



A = SOMOS ACS
A = SOMOS ACS

UNE
NOS

REPRESSÃO

NO SE TEMPO
NO SE TEMPO
O SE TEMPO
DE TEMPO
E TEMPO
TEMPO



ESTA PRENDE
LEGAS PAR
COM A UNE

SOMOS NO

DENDO NOS
S QUE A
ACABARA
LTA POR
CIDADE DE
PARA O H
EMIS. NCS

o de UNE

A PRISAÇÃO DOS
NOSSOS COLÉGAS
SIGNIFICA UM AVANÇO
NA LUTA

A UNE SOMOS NÓS E DO POVO

A REPRESSÃO QUE
CASTROU OS TRABALHADORES DE OSASCO (S. PAULO) FUI A MESMA QUE PRENDEU OS NOSSOS COLÉGAS. É O PODER DA DITADURA E DOS SERVIÇOS DAS CLASSES DOMINANTES

ENQUANTO A REPRESSÃO DA DITADURA AUMENTA, AUMENTA TAMBÉM A RESISTÊNCIA JUSTA DOS ESTUDANTES

A DITADURA DE OSASCO
AGORA REPRIME OS DOS ESTUDANTES QUE NÃO QUEREM DEIXAR LÍVRE QUEM LUTA POR LIBERTADE DO POVO BRASILEIRO

ONE. NÃO SÃO DA DITADURA AUMENTA LUTAS CONTRA A DITADURA, PORQUE NÃO SÃO APEX

COMPANHEIRO
LINE SOMO
QUE LUTAMOS

A REPRESSÃO ATACOU E PRENDEU COLÉGAS, PENSARAM O MOVIMENTO E ACABARA COM O INTER DO CONGRESSO DA UNE PEREN SIE A UNE NÃO DEFFA PARTE DELA

O ano de 1968 foi, sem dúvida, o mais empolgante de minha vida profissional. Para mim tudo começou quando o telefonema de um colega me anunciou a morte do secundarista Edson Luís, baleado "acidentalmente" pela PM, enquanto defendia seu ganha-pão como faxineiro do Calabouço. Chegando logo à Assembléia Legislativa, deparando com aquele "curumim" de peito ensangüentado e cabeça sombreada por ralas palmeiras-anãs, percebi que algo de muito sério estava começando ali — algo que me deixaria dividida entre a objetividade exigida de uma jornalista e a pessoa sensível que, modestamente, sou. Tive o privilégio de acompanhar muito de perto o movimento de 68. Como diria a rapaziada de hoje: "valeu".

TEREZA CESÁRIO ALVIM
Jornalista

eis o diálogo



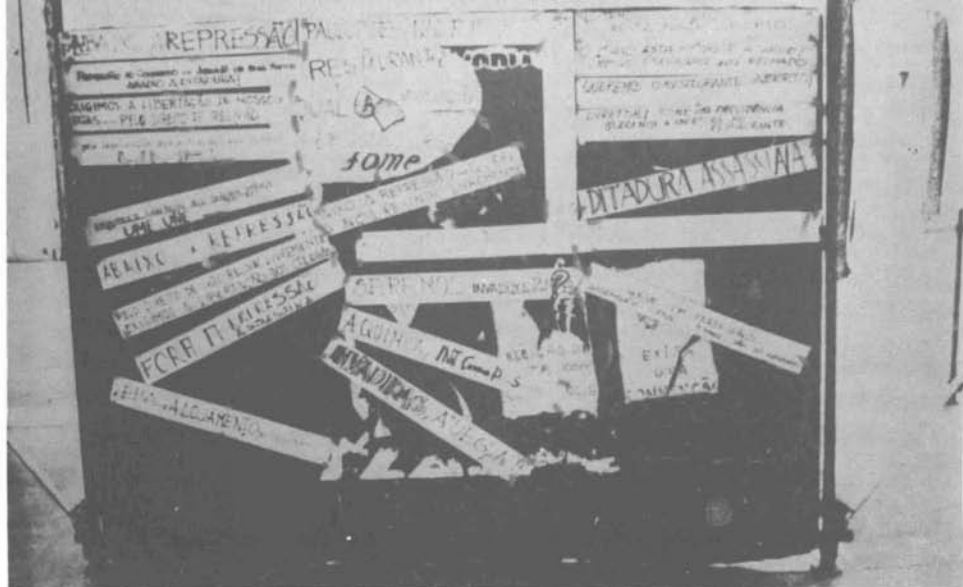


OU DEJE MORRER
de FOME
ASSASSINATO
Por 15 LITROS!!!

Uma foto
de...
de...

Uma foto
de...
de...









PARIDADE

30 CONGRESSO UNE







LIBERDADE

A

OS

PRESOS

Impresso em off-set por:
ERREGÊ EDITORA, GRÁFICA E PUBLICIDADE LTDA
Rua Sargento Silva Nunes, 154 - Ramos - Tel.: 270-3946
Rio de Janeiro - RJ
com filmes fornecidos pelo editor



SECRETARIA MUNICIPAL DE

CULTURA
RIO

PREFEITO SATURNINO BRAGA
GOVERNO - COMUNIDADE

Departamento Geral de
Documentação e Informação Cultural